

## UM OLHAR PROTESTANTE SOBRE AS FESTAS CATÓLICAS NA BAHIA

**Elizete da Silva**  
**UEFS/UFBA<sup>a</sup>**

*“Portanto, quer comais quer bebais, ou façais outra qualquer coisa, fazei tudo para a glória de Deus” I Correntios 10 : 31*

### **Introdução**

Pretende-se abordar, de forma introdutória, como os anglicanos e os batistas se posicionaram diante da festividade do catolicismo popular vigente na Bahia, que representações construíram em torno do universo católico brasileiro e baiano, marcado por uma forte conotação festiva e alegórica, presente desde o período colonial.

O universo geográfico abordado tem como foco a Bahia, sede do primeiro arcebispado do Brasil, onde o encontro das matrizes culturais formadoras da cultura brasileira propiciou uma profusão de devoções populares, festas de santos padroeiros que tão amiúde ocorriam em terras baianas. O período analisado estende-se de 1880 a 1930, cinco décadas ricas em acontecimentos na estrutura sócio-política do Brasil e de mudanças no campo religioso, haja vista que as principais denominações protestante já estavam estabelecidas e em franco progresso.

São sujeitos da análise os anglicanos estabelecidos como Bahia British Church em 1821 e os batistas congregados na Primeira Batista do Brasil fundada em 1882 em Salvador, Província da Bahia. Os primeiros compreendidos como protestantismo de imigração sem caráter proselitista, os quais realizavam os cultos e atividades na língua inglesa. Os batistas, classificados na categoria do protestantismo missionário, tinham como tarefa precípua evangelizar os brasileiros e trazer-lhes às doutrinas batistas, oriundos das missões do sul dos EUA.

A presente comunicação se delinea a partir dos marcos teóricos da História Cultural em especial em torno do conceito de representação explicitado como *“compreensão que os homens buscam do funcionamento de uma dada sociedade ou as operações intelectuais que lhes permitem apreender o mundo”*. (CHARTIER: 1990p. 23). A realidade é construída contraditoriamente pelos diferentes grupos em uma determinada sociedade. Muitas vezes as representações coletivas que se elaboram em determinados grupos têm no fenômeno religioso um componente fundamental. O protestantismo construiu representações em torno da realidade brasileira, as quais tinham como elemento central, como num verdadeiro contraponto a religiosidade católica popular. Tal religiosidade se manifestou com *“práticas particulares, procissões, santos padroeiros, ex-votos e grandes festas populares.”*(AZZI: 1978p.11 ). Festas onde o sagrado e o profano estão completamente imbricados, como em um processo de simbiose.

Estudar as festividades é estudar um momento singular da vida cotidiana dos fiéis e analisar “*situações especiais em que a coletividade interrompe suas rotinas e cria um tempo de exceção revive a sacralidade da existência em comum e redefine o sentido desta mesma existência em comum em fusão das contingências históricas do momento.*” (ALMEIDA:1999, p.81 )

O objetivo é analisar como os anglicanos e batistas percebiam as práticas festivas do catolicismo baiano. Que tipo de atitudes forjaram? A ortodoxia protestante permitiu aproximação ou reelaborações que levassem em consideração as festividades?

## **Trabalho X Festividade Católica**

Como religião hegemônica o catolicismo marcou profundamente a vida baiana. O calendário litúrgico passou, de fato, a regular o cotidiano da cidade de Salvador e o marcar os dias santos como momentos de festividades e louvores religiosos que gradativamente se transformaram em festas populares associadas a ritos de origem africana, zelosamente observados pelos baianos. Constituíam-se como exercício de sociabilidade e de lazer também necessário para a harmonia do homem festivo que habita em cada homem religioso.

As comemorações litúrgicas na Bahia, no período, guardavam sempre um caráter festivo. Sob o signo da Igreja Católica, “*todas as festas, inclusive as civis, tinham caráter religioso e os rituais estabelecidos pela tradição. Entre a Epifania e a Quaresma, festa populares celebravam Nosso Senhor do Bonfim em janeiro, e a purificação da Nossa Senhora em fevereiro. Da quaresma à Páscoa era tempo de penitência, jejum e oração...Pentecostes (festas do Divino ), Corpus Christi, São João e Apóstolo Pedro e Paulo davam lugar a procissões sempre acompanhadas de festejos populares.*” (MATTOSO: p 396 ). Essas festividades sempre tiveram um caráter coletivo, onde o religioso e o profano se interligavam numa simbiose garantida pela tradição do “dia santo”, isto é, um dia em que se venerava um santo determinado e que as atividades seculares, como o trabalho, eram suspensas para que o fiel pudesse “guardar” as obrigações religiosas, tais como: missas, procissões, bênçãos especiais e o pagamento de promessa, muitas vezes acompanhadas de ex-votos.

Desde o período colonial que a festividade do catolicismo popular baiano causava espanto aos viajantes estrangeiros, mesmo alguns católicos acostumados à simplicidade do ritual na Europa. A exemplo do francês Barbinais, que ficou escandalizado com as comemorações de uma festa de São Gonçalo que se realizava num convento de freiras com “*danças, tamborins e guitarras tocados pelas freiras que acompanhavam um grupo de dançarinos negros.*”( AZZI: 1978 p. 13 ). Se a festividade afro - católica causou espécie a um católico francês, no século XVII, para os missionários protestantes todas essas práticas populares não passavam de paganismo que a Igreja Católica havia absorvido. A profusão de dias santos e festas católicas do calendário baiano, além de

parecerem idólatras e desnecessárias, se chocavam frontalmente com a ética do trabalho seguida pelos batistas, que concebiam o trabalho como uma ordenança divina e que o dia de descanso era necessariamente o Domingo. No repertório de antagonismo que colocava o protestantismo histórico numa clara posição de contracultura, também entrou a questão do trabalho, considerando que a Igreja Católica incentivava a ociosidade dos baianos com tantas festas e dias santos.

Numa reportagem Taylor contou a experiência de um irmão, dono de uma fábrica em Salvador, certamente um anglicano, pois nenhum batista neste período era proprietário de estabelecimento fabril, o qual não mais suporta os operários que *“abandonavam o trabalho em dias úteis, porém feitos santos pela igreja romana, para tomarem parte nessas pagodeiras que se chamam festas de santos.”* Continuou o Reverendo o seu relato indignado, acrescentando que o industrial tinha resolvido ser duro com os seus operários relapsos: *“...quando o operário se chega a elle pedido ser escusado, para festejar os seus santos, elle responde promptamente: ‘Pois não; mas leve toda sua ferramenta e não volte mais.’ Deus no 4º mandamento diz: seis dias trabalharás e farás todo o teu trabalho e no sétimo descansarás : Mas o papa entendeu de mudar a lei de Deus de fazer outros dias santificado”*. (JORNAL BATISTA: 1904 ).

Segundo o missionário, um tal tipo de profusão de festas católicas contribuía para aumentar a superstição do povo e o empobrecimento geral do País. Os dias santos significavam, de fato, custo para o Brasil, pois as pessoas deixavam de trabalhar e ainda gastava seu dinheiro com bebidas e entretenimentos, sem contar *“o estrago phisico proveniente de toda a sorte de excessos cometidos nesses dias e a mortandade disso proveniente.”* Para prova a veracidade do seu argumento, o Rev. Taylor, seguindo a mentalidade capitalista onde a relação custo/benefício é fundamental, chegou a calcular quanto custava ao País a festa de Santo Antônio. Seguindo o insólito cálculo do missionário batista, o custo era bastante alto”.

*“Calculado em 9 milhões de habitantes (população ativa ), na média a 2\$ por pessoa, veremos que só Santo Antônio custa ao Brazil, isto é, o seu dia de guarda, 18 mil contos de réis. Juntamos a isso o custo de roupas e mais despezas nesses dias santos, que talvez, não será menos de 2\$000 por pessoa, e ali teremos mais 36 mil contos que juntos aos 18 fazem 54 mil contos por um dia... teremos um cálculo aproximado do custo dos dias santos cathollicos que podemos apresentar sem sermos nenhum Aristóteles... Não faltam operários que queriam reduzir a semana a dois e três dias de trabalho!”* (JORNAL BATISTA 1904: p,8 ).

Taylor foi um ardoroso defensor da tese de Laveleye, do progresso atávico que o protestantismo proporcionava aos países onde era difundido, em contraposição ao atraso que o catolicismo causava nos países de tradição latina e católica. A defesa dessa tese baseava –se fundamentalmente na ética do trabalho, rigorosamente defendida pelos protestantes e vista de forma

neutra pelos católicos. Para o missionário batista, o atraso brasileiro devia-se fundamentalmente à ociosidade que a Igreja Católica proporcionava com suas festas e dias santos, tirando os trabalhadores das suas respectivas atividades. Sem meias palavras disparou, o irmão Taylor, seus dardos inflamados contra a concorrente, que estava sempre como interlocutora/ opositora no discurso batista. *“Os santos do papa estão sendo um sério estorvo para o progresso do Brasil, metendo o povo na ociosidade. Eles paralisam as escolas, os meios de locomoção, etc. Que o governo civil tenha alguns dias feriados, dias que comemorem datas patrióticas é razoável, mas Deus ordenou para descansar um dia em sete, 52 por ano, como sendo suficientes às necessidades de nosso corpos e almas. Nós Chirstãos evangélicos está o futuro e a esperança deste país.”*

Na medida em que rejeitavam as práticas dos baianos que denotavam ociosidade, prejudicando a operosidade e eficácia no trabalho, tanto os batistas quanto os anglicanos forjaram uma auto- imagem de grupos empreendedores que vinham de países desenvolvidos porque amavam o trabalho. Esta foi uma via onde a manifestação do etnocentrismo protestante anglo- americano se expressou de forma muito concreta. Consideravam-se como povos superiores especialmente frente aos latinos de origem católica. O etnocentrismo protestante, se vincula à ética do trabalho e os batistas brasileiros introjetaram tal imagem. Para a Denominação Batista, o Carnaval e *“as myriades de festas não menos concorridas na Bahia”* era um constante perda de energia, dinheiro e tempo. Conforme um articulista do Jornal , Batista, todas essas festividades eram uma característica da *“raça latina inimiga da utilidade prática que não lhe causa prazer sensível”*. Conforme o articulista o descrever as festas e os gastos que elas despendiam, proporcionando cada vez mais as dificuldades e a pobreza em que vivia o Brasil, lamentava explicitamente que o País não tivesse sido descoberto e colonizado por povos de origem protestante, afeitos ao trabalho. *“Fossemos nós colonizados por um povo laborioso e inteligente, christão e prática estaríamos hoje rivalizando com a América do Norte onde não se conhecem futilidades, e o supérfluo é incógnito dos americanos do norte. Está na vanguarda da civilização devido aos seus passos agigantados dados conscientemente sobre terreno conhecido da prática. Povo aquele que tende a se tornar cada vez mais invejado, que dia após dia angaria a sympathia Universal, única e exclusivamente devido ao seu espírito de iniciativa, administrativa, executivo- prático.”* (JORNAL BATISTA 1909 ).

O articulista bem sabia que a lamúria por não ter sido o Brasil descoberto pela Europa Protestante não fazia nenhum efeito, propôs, então, um remédio para tal fatalidade histórica, já que era impossível voltar no tempo. Se os americanos do norte e os ingleses aprenderam a ser laboriosos com o evangelho e se os EUA e a Inglaterra eram países desenvolvido em decorrência dos princípios reformados explicitados nas Escrituras Sagradas, que dá *“o verdadeiro conhecimento de causa; o curso completo de regeneração social, moral e espiritual;”* ( sugerido em outra ocasiões em relação a outros problemas , o abandono do *“catolicismo e suas superstições”* e a conseqüente

aceitação das doutrinas evangélicas e da Bíblia se constituíam em verdadeiro panacéia para curar todos os males e problemas sociais do País. (SILVA: 1998, P. 255).

Duas décadas depois, os batistas mantinham a mesma atitude de crítica e rejeição à cultura brasileira, forjada pelas tradições afro - católicas e que eram vistas como idólatras e ridículas, mantendo o povo na superstição e ignorância. O missionário White fez um curioso relato da Festa do Senhor do Bonfim demonstrado toda a sua carga de etnocentrismo: *“o padroeiro da cidade da Bahia é o Senhor do Bonfim. Uma coisa interessante sobre este santo é que tem procissão todo ano. Ela saiu um ano atrás e que procissão fizeram! Durou de 7 da manhã até 6 da noite. Milhares e milhares de pessoas erguiam imagem a pé o dia todo. Um homem que tomou parte o dia todo foi o governador do estado. Mesmo tendo 73 anos, teve força para agüentar a caminhada entre aquela multidão toda pelas ruas estreitas. Que cena patética da grande multidão seguindo um senhor morto!”* (WHITE: 1929: p. 30 ).

Os batistas percebiam a cultura brasileira com um olhar condenatório e se posicionaram numa linha de contracultura. Nessa perspectiva é realçada a oposição entre Cristo e cultura. *Sejam quais forem os costumes da sociedade em que vive o cristão e as realizações humanas que ela conserva, Cristo é visto como oposto a eles.* ( NIEBUHR:1967, p. 62/65 ) O foco desse olhar guiava-se freqüentemente pelo anticatolicismo. Nessa ótica o carnaval, se constituía na festa brasileira e baiana mais visada e condenada pelo puritanismo batista. A Igreja Católica era a “genitora do carnaval”, que de festa religiosa transformou-se em *“folgedos da carne”* onde, segundo os batistas, a licenciosidade e os vícios corriam à solta. Em 1916, o jornal Batista criticava as autoridades e o povo em geral, que diante de tanta miséria que envolvia o mundo ainda assim se divertia no carnaval. Sempre tão omisso diante das questões sociais, no entanto o periódico não admitia que o dinheiro fosse gasto e tempo de trabalho nas orgias carnavalescas. *“O nosso povo é essencialmente folgazão; parece não ter mais alma para soffrer as dôres dos seus irmãos que no cálido sertão do norte cahem mortos aos milhares; nem para se comover ante as lágrimas das viúvas e orphãos vítimas da guerra da fome, da miséria; até parece nem para sentir mais suas próprias misérias. Carnaval?! Ora, se houve! E tão animado como se a nação navegasse em um mar de rosas!... As grandes sociedades clubes, grupos, etc, gastaram Sommas fabulosas em preparativos. O povo quer divertir- se”*(JORNAL BATISTA; 1924 ).

Numa clara atitude etnocêntrica e de contracultura os batistas baianos condenavam a cultural local como supersticiosa. O catolicismo popular vivido pela maioria da população, marcadamente festivo, induzia, na visão batista, à ociosidade, à indolência e à falta de iniciativa para as atividades laborias. Certamente essa representação negativa da sociedade e da cultura local influenciaram na receptividade das doutrinas batistas e suas inserção na realidade brasileira. No entanto, essa dificuldades não inibiu o crescimento da denominação na Bahia, de fato houve um intenso

proselitismo, com resultados significativos, afinal de contas nas doutrinas batistas havia um forte apelo popular, que compensava, em outros aspectos como a vivência e a ajuda mútua, o rigor da ética e da negação da cultura circundante.

A partir de uma ótica religiosa, anglicanos e batistas construíram visões particularizadas e negativistas da cultura local que concebiam como carregada de erros e pecados. Apresentavam como solução a Bíblia ou a “civilização anglo- saxônica” como um padrão de excelência, como uma via segura para garantir o progresso e a modernidade, tão almejados pela elite republicana.

## **Conclusão**

Anglicanos e batistas como protestante originários de uma matriz anglo- saxônica mantiveram uma postura de distanciamento e as vezes condenação da cultura brasileira/baiana tão carregada das festividades católicas. Criticavam a latinidade católica considerada como um entrave ao progresso do País por incentivar dezenas de festas onde o sagrado e o profano se misturavam tomando o tempo do trabalho como ócio festivo de dias santos e feriados.

A sociedade e a cultura local eram percebidas como de baixo padrão moral e rejeitadas por sua pecaminosa influência afro- católica. Seguindo a centralidade do trabalho da tradicional ética protestante onde “tempo é dinheiro”( WEBER: 1967 p, 29 ) anglicanos e batistas condenavam as festas católicas como idolatria e superstição por um lado, por outro lado as festividades induzindo ao ócio prazerosos e lúdico gastava o tempo e o dinheiro que poderiam ser aplicados de forma laboriosa e rentável pelos fies católicos. Evangelizar o Brasil era uma forma de contribuir para a diminuição das festas e da ociosidade, conduzindo baianos e brasileiros para os trilhos do progresso, para a disciplina do trabalho cotidiano realizado não como um fardo, mas como louvor a Deus.

### **Bibliografia Citada**

ALMEIDA, Jaime. As Festas Religiosas como Objeto da História. In Coutinho Sérgio. Religiosidade, Misticismo e História do Brasil Central. Brasília. CEHILA e UNIVERSA. 1999.

AZZI, Riolando. O Catolicismo Popular no Brasil. Petrópolis. Vozes 1978

CHARTIER, Roger. A História Cultural Entre Práticas e Representações. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil. 1951.

LAVELEYE, Emilio. O Futuro dos Povos Católicos. Um Estudo de Economia Social. São Paulo. Presbiteriana. 1951.

MATTOSO, Kátia. Bahia, Século XIX. Uma Província do Império. Rio de Janeiro. Nova Fronteira. 1992.

NIEBUHR, Richard. Cristo e Cultura. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1967.

SILVA, Elizete da. Cidadãos de Outra Pátria: Anglicanos e Batista na Bahia. São Paulo. Tese doutorado. USP. 1998.

WEBER, Max. A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo São Paulo. Pioneiro.1967.

WHITE, M. G. and MUIRHEAD, H. N. In the Land of the Southern Cross. Virgínia. Educational Department Foreign Mission Board. 1929

Elizete da Silva